
SESSÕES DO PLENÁRIO

21ª Sessão Especial da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 26 de maio de 2009.

PRESIDENTE: DEP. MARCELO NILO

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial, em comemoração ao Dia da África, proposta pelo deputado Bira Corôa.

Convido, para compor a Mesa, o nobre deputado Bira Corôa, proponente da sessão (palmas); convido a Exm^a Sr^a Secretária de Promoção da Igualdade Luiza Helena Bairros, representante do governador Jaques Wagner (palmas); o Exm^o Sr. Embaixador do Egito Ahmed Hassan (palmas); o Exm^o Sr. Embaixador da Gana, Samuel Kofi Dadey (palmas); o Exm^o Sr. Embaixador da Líbia, Salem Ezubedi (palmas); o Exm^o Sr. Secretário Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Ministro Edson Santos (palmas) e o Sr. 1º Secretário da Embaixada da República da Zâmbia, Fabiano Doukarsky. (Palmas)

Gostaria de registrar a presença do nobre deputado Gildásio Penedo do DEM.

Tendo em vista o ministro Edson ter compromissos em outro estado e precisa pegar o avião às 11h, vou modificar o protocolo e conceder a palavra ao ministro Edson Santos, para fazer o seu pronunciamento.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra o ministro Edson Santos.

O Sr. EDSON SANTOS:- Quero, em primeiro lugar, cumprimentar todas as pessoas aqui presentes do movimento social, do movimento negro, lideranças religiosas de matrizes africanas e, em particular, cumprimentar o Exm^o Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, Marcelo Nilo; o Exm^o Sr. Deputado Estadual Bira Corôa, proponente desta sessão; a Exm^a Sr^a Secretária de Promoção da Igualdade, Luiza Helena Bairros, aqui representando o governador Jaques Wagner; o Exm^o Sr. Embaixador do Egito, Ahmed Hassan Darwish (palmas); o Exm^o Sr. Embaixador da Gana, Samuel Kofi Dadey (palmas); o Exm^o Sr. Embaixador da Líbia, Salem Ezubedi (palmas) e o Sr. 1º Secretário da Embaixada da República da Zâmbia, Fabiano Doukarsky. (Palmas)

Senhoras e senhores, é um prazer estar aqui neste momento em que se comemora o Dia da África. Este é um dia de reflexão sobre a importância deste continente africano para a formação de nosso País. O Brasil teve a maior parte de sua história com a sua economia baseada no trabalho escravo que era efetuado por homens e mulheres vindos da África e que, durante cerca de 350 anos, foram explorados enquanto escravos aqui no Brasil.

E há o elemento que foi e é fundamental para a formação do estado brasileiro. O Brasil é o segundo país do mundo em população negra. O Brasil tem, em sua cultura, traços importantíssimos da herança africana, da herança da diáspora em nosso País.

Portanto, hoje, é de interesse do governo brasileiro, do presidente Lula, o estreitamento da relação com o Continente Africano, inclusive do ponto de vista estratégico nesse novo arranjo geopolítico que a humanidade experimenta.

E a prioridade do Brasil é, exatamente, o fortalecimento das relações sul-sul, tendo como âncora o estabelecimento de cooperação entre o Brasil e os países africanos no âmbito da troca, do intercâmbio de conhecimento que vai fortalecer o nosso País e, certamente, irá contribuir, sobremaneira, para a melhoria da qualidade de vida da população africana.

Nessa questão da troca de conhecimento, temos uma grande expectativa dos países africanos que é, exatamente, a passagem do conhecimento da história do Continente Africano que para a grande maioria dos brasileiros ainda é um assunto muito árido. Muitos de nós ainda não temos noção do significado da África, das várias nações que compõem o Continente Africano. Não os estados que foram impostos devido à política colonialista, mas as nações africanas que até hoje, em termos de religiões de matrizes africanas no Brasil, ainda mantém a sua originalidade.

Daí a importância para nós, brasileiros, até como forma de combatermos o preconceito racial, o racismo em nosso País, instituir, implantar a partir de uma lei, a Lei 10.639, a história da África em todo o sistema de ensino de nosso País, para que as crianças, independente da cor da sua pele, independente de sua origem social, tenham contato com a história do Brasil que tem origem no Continente Africano e do papel do negro na formação do Estado brasileiro.

Por isso eu, enquanto Ministro da Secretaria Especial de Políticas e Promoção da Igualdade Racial, que coordeno as ações do governo brasileiro nesse campo, venho cumprimentar a Assembleia Legislativa da Bahia pela iniciativa de trazer aqui a representação diplomática da África, o que nos dá oportunidade de dizer aos irmãos africanos que estamos irmanados na busca da construção de uma relação econômica internacional onde os povos tenham condição de desenvolver, de forma sustentável, suas economias.

Esse é o objetivo de nosso País e, mais do que isso o objetivo nosso, de nosso governo, exatamente, trazer a África para o Brasil, aproximar a África do Brasil, reduzir a distância geográfica que nos separa a partir das relações econômicas, culturais e sociais. E é nesse sentido que venho aqui, Sr. Presidente, mesmo estando envolvido no processo de conferência de promoção da igualdade racial que está se desenvolvendo no Estado da Bahia, e hoje começa a fase no Estado do Ceará, mas eu fiz questão de vir aqui para, em nome do governo brasileiro, cumprimentar as autoridades africanas aqui presentes, e dizer que estamos dando os primeiros passos de uma longa caminhada, onde o Brasil e os países do Continente Africano passarão a ser protagonista do processo internacional, da ordem econômica internacional.

É nesse rumo que caminhamos, a partir do estreitamento de nossas relações, Brasil com os irmãos africanos. Era o que eu tinha a colocar.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Convido o Exmº Sr. Embaixador da República do Quênia Pius Barasa Namachanja, e o Sr. Subsecretário Municipal da Reparação, Edmilson Sales, representante do prefeito de Salvador João Henrique, para compor a Mesa.

Gostaria de registrar a presença dos deputados Euclides Fernandes, do PDT e da deputada Fátima Nunes, do PT.

Ouviremos o Hino Nacional executado pela orquestra de berimbaus.

(Apresentação musical) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de convidar, para compor a mesa, o nobre deputado federal, Luís Alberto. (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Convido para compor esta Mesa o nobre deputado federal Luiz Alberto. Gostaria de registrar as presenças do Líder do governo, deputado Waldenor Pereira, do PT, do deputado Nelson Leal, do PSL, da deputada Maria Luiza Laudano, do PTdoB, e do deputado Pedro Alcântara, Líder do PR nesta Casa.

Gostaria também de convidar os Exmos. Srs. Embaixadores da República Islâmica da Mauritânia, N´Diaye Kane, e da Costa do Marfim, Sr. Daouda Diabate.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao deputado Bira Corôa, do PT, proponente desta sessão especial em comemoração ao Dia de África.

O Sr. BIRA CORÔA:- Bom-dia a todas e a todos. Em especial quero saudar a Mesa, o Exmo. Deputado e Presidente desta Casa, Marcelo Nilo, o Exmo. Sr. Secretário de Promoção da Igualdade; a Srª Luiza Helena Bairos, que aqui representa o governo do Estado da Bahia, o governador Jaques Wagner; o Exmo. Sr. Embaixador do Egito, Ahmed; o Exmo. Sr. Embaixador de Gana, Samuel Kofi; o Exmo. Sr. Embaixador da Líbia, Salem Ezubedi; o Exmo. Sr. Secretário Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Ministro Edson Santos, que aqui representa o presidente Luiz Inácio Lula da Silva; o Sr. 1º Secretário da Embaixada Republicana de Zâmbia, Fabiano; o Exmo. Sr. Embaixador da República do Quênia, Pius Barasa; o Exmo. Sr. Subsecretário Municipal de Reparação do município de Salvador, Edmilson Sales; o Exmo. Sr. Deputado Federal Luiz Alberto; o Exmo. Sr. Embaixador da República Islâmica da Mauritânia, N`Diaye Kane - se não for isso, peço desculpas -; o Exmo Sr. Embaixador da Costa do Marfim, Daouda Diabate; os deputados estaduais, em nome do Líder do governo na Assembleia, deputado Waldenor, e no da representação da Bancada da Oposição, saúdo o deputado Gildásio Penedo.

Eu estendo tal saudação a todos os parlamentares para não me alongar muito e agradeço-lhes, acima de tudo, não apenas pela presença, mas igualmente por sermos parceiros nesta nossa luta no Legislativo baiano e estarmos construindo juntos este novo momento que está vivendo a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia na defesa dos interesses da nossa sociedade e especialmente no combate às desigualdades impostas por regimes e condições de governo ao nosso povo ao longo de muitos anos.

Estar, no dia de hoje, comemorando o Dia da África é muito mais do que uma comemoração, esse fato está além de uma solenidade. Está sendo registrado nesta Casa mais um dia de luta, mais um dia de disputa e, acima de tudo, reafirmando as conquistas que o povo negro africano vem executando ao longo de sua história em todo o mundo,

em especial no nosso País e no nosso Estado.

Não sou muito de ler textos, mas vou brevemente pontuar o que nos traz até aqui.

Vinte e cinco de maio é o dia de homenagem à África, e esse dia surge com um processo histórico.

(Lê) “O continente africano durante o seu milenar processo histórico estabeleceu relações comerciais e políticas com diversos povos. No entanto, paralelamente a isso, também foi invadido e saqueado por fenícios, gregos, romanos e árabes; mas nada se compara com a invasão europeia iniciada a partir do século XV e a sua partilha em 1885, quando na Conferência de Berlim, Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Bélgica, Espanha e Portugal iniciaram um processo de ocupação colonial sistematizado e que teve consequências trágicas para o continente africano que perduram até os nossos dias.

Os africanos reagiram de diferentes formas; enfrentaram a dominação colonial em regiões diferentes e com táticas distintas; e a partir da segunda metade do século XX iniciou o seu processo de independência e de descolonização só consolidado em 1994 com o fim do *apartheid* na África do Sul. Mas é na diáspora africana, precisamente na América do Norte e Caribe, que jovens políticos e intelectuais negros vão criar o pan-africanismo, doutrina de caráter internacionalista que pregava a união de todos os povos negros na África e na diáspora.

É movido por esse sentimento pan-africanista que em 25 de maio de 1963, em Adis Abeba, Etiópia, diversos líderes de Estados africanos se reuniram para criar a Organização da Unidade Africana (OUA), que tinha como objetivos promover a solidariedade e a unidade dos Estados africanos; defender sua soberania e, principalmente, erradicar todas as formas de colonialismo existentes na África.

Por uma série de fatores, a OUA não alcançou os seus principais objetivos e em 2001 foi criada a União Africana (UA), que, além de manter as mesmas propostas da OUA, criou um Parlamento pan-africano e que tem como estratégia a criação de um banco e um tribunal interafricano de justiça, além de um exercito único e uma moeda comum.”

Sem dúvida alguma é o caminho para a “reafricanização”, para a estruturação da África como um grande povo e uma grande nação muito forte.

(Lê) “O Brasil, muito embora possua dimensões continentais, diferentemente dos africanos conseguiu construir sua unidade política e federativa. No entanto, a maioria da sua população, que é constituída de descendentes de africanos, ainda é tratada como se estrangeiros fossem em seu próprio país. Já os estrangeiros de procedência europeia, receberam e recebem aqui, um tratamento bem mais digno do que a maioria dos negros brasileiros. Diante disso e ciente de que o Estado teve uma ação direta na construção das desigualdades sócio-raciais amplamente divulgados pelos principais institutos de pesquisas oficiais brasileiras, temos a importante missão, através do Poder Executivo, do Judiciário, mas, sobretudo, do Legislativo, de criar dispositivos jurídicos capazes de promover a integração das populações descendentes de africanos no seu processo de desenvolvimento, via implementação de políticas públicas de promoção da igualdade racial, para que, dessa forma, possamos reparar a violência histórica à qual esses povos foram submetidos durante mais de 350 anos em nosso País.”

Sem dúvida alguma, compomos a população mais negra fora da África, estamos

na terceira cidade mais negra do mundo, como é intitulada a nossa Salvador. Compomos mais de 70% da população desta cidade, mais de 55% da população de todo o Estado e quase a metade da população do País. Mas esses índices não correspondem aos parâmetros sociais e econômicos e de ocupação política em todo o estado e em todo o País.

Sem dúvida nenhuma, ainda estamos atravessando situações que não são muito diferentes daquelas que passaram e a que foram submetidos os nossos ancestrais, que vieram da África da forma mais desumana: sequestrados, enclausurados em porões, aportados num país desconhecido e aqui tratados como mercadoria.

Estamos no mês de maio, no qual celebramos, no dia 25, o Dia da África, mas não comemoramos com a mesma ênfase o dia 13, que foi incutido na nossa história como o Dia da Libertação, o Dia da Abolição da Escravatura, com a chamada Lei Áurea.

E o que representa essa lei para o nosso povo negro? Uma ação para tentar negar a capacidade de organização, resistência e luta de todo o povo negro no Brasil, a qual não era diferente da que ele tem em todo o mundo. Aqui no Brasil, quando a Lei Áurea foi assinada, em 1888, já tínhamos 80% da população brasileira negra, composta por escravos alforriados ou libertos. Até aquele ano, já fora consolidada a resistência e a luta em centenas de quilombos espalhados em todo o País, e tínhamos asseguradas as personalidades da resistência, nossos heróis – homens e mulheres que enfrentaram a tirania da época, mas não são citados nas páginas da nossa história.

Assim, o dia 13 de maio não nos representa tanto quanto o dia 25, porque, um dia após a promulgação da chamada Lei Áurea, exatamente no dia 14, vigorava neste País uma nova lei, a *Lei da Vadiagem*. E quem eram os vadios? A quem essa lei atingia diretamente? Aos nossos ancestrais, que, após dito libertos, não tiveram acesso à educação, um teto para morar, e, muito menos, um emprego. Ao se encontrarem livres, passaram a morar nas ruas, o que, conseqüentemente, nos levou a uma outra marca profunda na nossa história: o surgimento da população carcerária, que, em sua quase totalidade, era e é representada por negros.

À Lei Áurea também se somava uma lei anterior – a Lei dos Sexagenários, que obrigava os senhores a libertarem seus escravos com mais de 60 anos, com o objetivo de não deixar para si a responsabilidade de alimentar os velhos, fracos e doentes escravos, que foram, assim, lançados à própria sorte.

Somada à população liberta, vamos chamar assim, após a escravatura consolidou-se a população de rua, a mesma que ainda hoje está presente nos grandes centros urbanos, especialmente no nosso Estado.

É por isso que o dia 25 é uma data estratégica e importante para o movimento. No Brasil, o dia que comemoramos como o da nossa libertação é o 20 de novembro, pois simboliza um dos heróis da nossa causa e da nossa luta, o grande Zumbi. Poderia listar inúmeras personalidades e heróis que a nossa história não registra, que as novas gerações não têm conhecimento. Mas reafirmo o nosso compromisso com essa causa, com essa luta pela consolidação de uma sociedade igualitária, pela qual todos nós lutamos.

Com certeza, não teremos sociedade igualitária no Brasil enquanto as discriminações perdurarem. Não dá para falar em igualdade, em um País livre e

igualitário, com o povo negro sem ter acesso a uma educação de qualidade, sem ocupar espaços de destaque e de decisão na Bahia e no Brasil.

É importante destacar que estamos vivendo um momento de grande avanço a partir da eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Pela primeira na história deste País percebemos que nós, negros e afrobrasileiros, somos chamados para debater os interesses do nosso povo. Agora temos acesso ao governo federal, com a presença do ministro Edson. Na Bahia, com o governo Jaques Wagner, temos a secretária Luiza Bairros, que nos representa. Ela, assim como o governo o federal, está criando ações e políticas públicas afirmativas para o nosso povo.

Mas ainda precisamos avançar. E esse avanço deve começar por esta Casa, nobres deputados e deputadas aqui presentes. Deputada Maria Luiza, nobre deputado Marcelo Nilo, esta assembleia precisa provar seus compromissos com essa causa aprovando, este ano, o Estatuto da Igualdade Racial do Estado da Bahia, que tramita neste Poder.

É necessário sair na frente para construirmos um instrumento que potencialize a nossa luta; que juridicamente possa nos dar consistência e afirmação. Para aí, sim, construirmos a igualdade de condições a partir da exclusão de toda forma de discriminação, seja racial, de gênero, de opção sexual, etc. Assim estaremos celebrando, sim, uma Bahia diferente e dando um grande passo para construirmos um Brasil diferente. Quem sabe se não poderemos comemorar no próximo ano, aqui na Bahia, uma Dia de África com um sabor de grandes conquistas.

Encerro dizendo: (lê) “a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, através da sua Comissão de Especial de Promoção da Igualdade (CEPI), sintonizada com as reivindicações demandadas pela população negra do nosso Estado, está empenhada para que no dia 20 de novembro deste ano seja sancionado o Estatuto Estadual da Promoção da Igualdade Racial e Combate à Intolerância Religiosa, e assim disponibilizar um instrumento jurídico capaz de implementar as políticas públicas de promoção da igualdade que a população negra exige e que o Estado deve dar respostas. Feito isso, teremos outros motivos para comemorar o 25 de maio, Dia de África, promovendo políticas de inclusão para o que de mais africano temos na Bahia – o seu Povo e a sua Cultura”.

Sem dúvida alguma este é um dia especial para esta Casa, um dia especial para a Comissão de Promoção da Igualdade desta Casa e, posso dizer, é um dia especial para o povo negro, representado pelos movimentos populares, pelas entidades culturais e sociais, pela afirmação do nosso povo em gratidão e em respeito aos nossos ancestrais, que derramaram suor para mover a economia, deram a força motriz do trabalho, deram sua contribuição de inteligência na formação do nosso intelecto, deram lágrimas de dor causadas pela saudade, saudades da Mãe África, e pelo sofrimento que passaram aqui pelas dores da tortura ao longo da escravidão. Mas que ainda hoje derrama essas mesmas lágrimas, pois ainda hoje padecem e tombam corpos negros de jovens, meninos e meninas, pela violência urbana, a violência implementada pelo narcotráfico e, muitas vezes, pela violência policial.

Sem dúvida alguma, nobre deputado Luiz Alberto, com sua luta, com o respeito a essa causa e com o que o senhor simboliza de importância para o nosso povo, que nos representa na Câmara Federal, por ter sua história montada de um garoto que muito

jovem saiu da terra natal, a grande Maragojipe, para enfrentar as desigualdades no grande centro, Salvador, que não se curvou às dificuldades e atravessou todo esse processo construindo uma história de luta e hoje nos representa muito bem, para que essa discussão, esse dia de hoje chegue também ao Senado e lá possa, de fato, ser aprovado o Estatuto da Igualdade Racial do Brasil, e possamos consolidar essa grande marca da nossa luta.

Com certeza, é um dia de muita emoção de muita satisfação, mas, acima de tudo, um dia de luta. E como é um dia de luta, que viva a Bahia, que viva o Brasil e que viva a África unida e forte pela integridade dos povos brasileiro e africano. (Palmas)

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar a presença do nobre deputado Jurandy Oliveira, do PDT.

Concedo a palavra à Sr^a Secretária da Promoção da Igualdade, Luíza Helena, representante do governador Jaques Wagner.

A Sr^a LUÍZA HELENA:- Bom dia a todos e a todas, gostaria de, em primeiro lugar, trazer uma saudação do governador Jaques Wagner a todas as pessoas presentes a esta sessão especial pela passagem do Dia da África ontem e que comemoramos hoje nesta Assembleia Legislativa. Quero cumprimentar a Mesa nas pessoas do presidente desta Casa, deputado Marcelo Nilo, e do deputado Bira Corôa, proponente desta sessão especial.

Falarei devagar a fim de que haja tempo de traduzir para os nossos convidados. Portanto não estranhem o ritmo da minha fala. É para dar tempo.

É muito importante que nos juntemos para comemorar o Dia da África, instituído, como foi dito aqui pelo deputado Bira Corôa, desde 1972, num período muito importante da história mundial, em que os países africanos se libertavam do jugo da colonização europeia.

Considero importante também, neste momento, lembrar que no caso da Bahia a valorização da África como uma raiz importante, como o território da nossa ancestralidade é um processo que, fundamentalmente, começa feito pelo próprio povo da Bahia, por conta das óbvias relações ou da óbvias influências culturais reveladas aqui na nossa sociedade, não só pela religião mas por diversas outras manifestações culturais, com uma marca africana muito forte.

É exatamente a existência dessas marcas de africanidade em nossa sociedade que permitiu que nos anos 70, mais ou menos nesse mesmo período em que o Dia da África foi instituído, que se formasse no Brasil e na Bahia um movimento negro que, imediatamente, foi buscar as referências africanas para poder afirmar e reafirmar o compromisso de luta contra o racismo no Brasil.

Essa influência dos movimentos de libertação na África sobre a juventude negra do Brasil dos anos 70, como eu disse, se revela na existência de um movimento negro que teve como ídolos ou como referência muitos dos líderes africanos que conduziram lá no continente, os seus países e suas sociedades, para a libertação.

E é por conta desse respeito que sempre tivemos à África, para além dessa África ancestral, mas a África contemporânea, com todos os seus problemas e com todas as

suas contingencialidades, que formamos também no Brasil um movimento contra o *apartheid* que se juntou a uma corrente internacional que foi capaz, após algumas décadas, de fortalecer a libertação da África do Sul do regime que subjugava a maioria negra.

É nesse sentido da nossa ligação com uma África ancestral e com a África contemporânea que acabou forçando o próprio governo da Bahia a tomar um outro rumo do ponto de vista das suas relações: relações culturais e econômicas com o continente africano.

Desde a instalação do governo Jaques Wagner, assistimos na Bahia, pela primeira vez, o governo do Estado se movimentando e se organizando para ter com países do continente africano relações mais sólidas, mais permanentes. E sempre faço questão de frisar que essa decisão do governo Jaques Wagner é uma decisão que em muitos sentidos reflete uma relação já estabelecida pelo povo baiano com vários países africanos, especialmente por parte das comunidades de terreiro. E isso se vem traduzindo dentro do governo do Estado como uma pauta bastante beneficiada pelas decisões que foram tomadas e estão sendo tomadas no plano do governo federal no sentido de reforçar a presença brasileira dentro do Continente via a instalação de novas embaixadas, via o estabelecimento de vários incentivos para que o corpo diplomático se faça presente nesses países.

E é nesse sentido, portanto, que nesses últimos dois anos do governo Jaques Wagner, além de uma missão oficial que foi realizada ao Benim, no ano passado, além de uma segunda missão que foi feita em países de língua portuguesa, países africanos de língua portuguesa, para estabelecer uma cooperação no sentido da proteção das águas e do clima do meio ambiente em geral e relações culturais, que também foram estabelecidas, especialmente no Benim e que, em breve, vão resultar na realização de uma semana do Benim, no Brasil, mais especificamente na Bahia e deverá acontecer no início do mês de julho deste ano. Sem dúvida alguma, outras missões africanas que vieram aqui nos visitar, como é o caso de Moçambique, e das várias possibilidades que foram estabelecidas através da Secretaria do Trabalho, de uma cooperação bastante forte no sentido de modelos de tecnologias desenvolvidas pelo Estado da Bahia, na questão da formação profissional, especialmente na formação de jovens. E por aí vai. Não vou estender-me, de modo mais específico, sobre todas essas pautas que temos no governo do Estado buscado afirmar com os países africanos.

Deste modo eu penso que o que o governo pretende fazer é ir para muito além de mera retórica de existência de laços históricos ou de laços culturais entre o Brasil e o Continente Africano ou entre a Bahia e o Continente Africano. O Brasil nem a Bahia não podem pretender se relacionar com esses países de onde veio a maioria de nós se essa maioria, no Brasil, não for tratada com o respeito e a possibilidade de inclusão política e social. Essa agenda governamental de relações com a África está, portanto, intimamente ligada com uma agenda de combate à exclusão social dos descendentes de africanos no Brasil e na Bahia. Acredito que os nossos governos não poderiam ter moralmente nenhuma possibilidade de propor relações iguais com os países africanos se não estivessem internamente comprometidos em promover melhorias concretas nas condições de vida dos descendentes de africanos que somos, que aqui estamos e que construímos, sem dúvida alguma, toda ou a maior parte da riqueza que existe no País.

É esse, portanto, o sentido que eu gostaria de comunicar a todos vocês do Dia da África para o governo do Estado da Bahia, um dia, como tantos outros, de afirmação dos compromissos com uma agenda de promoção da igualdade racial que seja efetivamente capaz de provocar mudanças nas estruturas de poder e riqueza da sociedade baiana e brasileira.

Muito obrigada pela atenção, e, mais uma vez, a saudação do governador do Estado aos embaixadores do Quênia, do Egito, de Gana, da Líbia, da Mauritânia, da Costa do Marfim e ao primeiro secretário da Zâmbia.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de convidar para compor a Mesa o Sr. José Carlos Lamartine, Adido Cultural da Embaixada de Angola e Presidente da Casa de Angola na Bahia. Gostaria também de registrar a presença do deputado Álvaro Gomes, do PCdoB, e Isaac Cunha, do PT, e do diretor de Promoção da Igualdade Racial de Lauro de Freitas, Sr. Menezes. (Palmas.)

Passo a palavra ao embaixador de Gana, Sr. Samuel Kofi.

O Sr. SAMUEL KOFI:- Exmº Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, Exmº Sr. Ministro Edson Santos, senhoras e senhores, bom-dia a todas e todos. Em nome de todos os países africanos e do grupo de embaixadores africanos no Brasil, quero agradecer a vocês por nos convidar. Para nós, a Bahia é como se fosse nossa casa.

Queremos agradecer, também, a Bahia por aprovar o Dia da África. Africanos e brasileiros têm uma relação histórica de sangue, uma aliança que queremos fortalecer. O presidente Lula já fez muito por esse programa, mas há ainda muito a fazer, para realizar nossos objetivos. Então, nós temos que trabalhar juntos para a prosperidade dos povos da África e do Brasil. Esperamos contar com sua cooperação.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra o deputado federal Luiz Alberto.

O Sr. LUIZ ALBERTO:- Bom-dia a todos e a todas. Quero saudar o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Marcelo Nilo, o nosso companheiro, deputado Bira Coroa, proponente desta sessão especial e os deputados e as deputadas estaduais aqui presentes nesta sessão, a secretária Luiza Helena, representando o governador Jaques Wagner, os senhores embaixadores aqui presentes nesta nossa sessão.

É um prazer enorme receber os embaixadores do Egito, de Gana, da Líbia, o Sr. Secretário, o Ministro Edson Santos já se ausentou, o Sr. Primeiro Secretário da Embaixada da República da Zâmbia, o Sr. Embaixador da República do Quênia, o Sr. Subsecretário de Reparação da Prefeitura de Salvador, Edmilson Sales, o Sr. Embaixador da República Islâmica da Mauritânia, o Sr. Embaixador da Costa do Marfim, o Sr. Adido Cultural da Embaixada de Angola e presidente da Casa de Angola aqui na Bahia.

Quero saudar os presentes, militantes do Movimento Negro, militantes, zeladores e zeladoras de uma das maiores identidades preservadas, com muita luta,

povo de terreiro, a nossa juventude.

Sr. Presidente, não estava previsto falar, vim aqui participar desse evento como algo muito importante. Essa luta do povo africano fortalece este continente, a constituição dessa data como dia de luta mundial da África nos fortalece, porque quando a imagem da África era vista como a imagem da derrota, como a imagem de povos e civilizações inferiorizados, isso refletia também em nossas consciências, pois o nosso povo, os nossos jovens, homens e mulheres, não tinham uma referência positiva de onde fomos originários. Então, o continente africano, como disse ontem o presidente do Senegal, Quênia, Gana, qualquer país africano, as suas fronteiras não são constituídas pelo povo africano, são fronteiras resultado de um processo da colonização, do colonialismo que se abateu sobre todo o continente africano.

As lutas que o continente africano travou no século passado, de norte a sul do continente, da luta de libertação da Argélia até o sul no último período, a luta contra o *apartheid* na África do Sul, todas essas lutas nos influenciaram aqui no Brasil, por isso que para nós nomes de líderes africanos são muito comuns nas nossas reflexões: Aimé Sezé, Pluma, Josina, Wine Mandella, Nelson Mandella, vários desses nomes nos fortaleceram na luta contra o racismo no nosso país.

E o Brasil sempre se negou a reconhecer a África, porque reconhecer a África como igual teria que obrigatoriamente, como disse aqui a nossa secretária Heloísa Helena, reconhecer também os descendentes de africanos e de africanas no nosso País. E curioso é que quando a ONU institui o Dia da África, em 1972, o Brasil também passou a viver momentos de um processo de luta, mas momento muito especial foi quando na Bahia, em 74, surgiu um grupo de jovens negros que cria o que hoje conhecemos como Ilê Aiye, contestando uma ordem cultural, econômica e social no nosso Estado, no nosso País.

Logo depois, em 78, um grupo de jovens, negros e negras, criam uma das organizações negras do século XX mais poderosas que já tivemos: o Movimento Negro Unificado, e conseguiu desmontar, diante da sociedade brasileira, essa ideia de África derrotada, essa ideia que nos venderam de forma muito cara: a democracia racial brasileira. Nós tivemos de desenvolver um esforço grande com a nossa militância, com os nossos intelectuais, para desmontar essa ideia de que o Brasil teria sido o único país da América que acabou a escravidão e constituiu uma sociedade sem conflito racial, sem racismo e, portanto, a sociedade ideal. O que levou, inclusive, Srs. Embaixadores, senhoras e senhores, a uma visita do então militante contra o *apartheid*, Nelson Mandela, em visita ao Brasil, considerar que o modelo de sociedade que ele queria implementar na África do Sul, após a derrota do *apartheid*, era o modelo da sociedade brasileira.

Mas, o nosso irmão, companheiro Néelson Mandela, não tinha conhecimento dos crimes que eram, até então e ainda hoje, praticados contra a população negra do nosso país. E ele saiu daqui entendendo quem era o Brasil e abandonando a ideia de copiar o modelo brasileiro de sociedade sem conflito racial.

E o Brasil hoje, depois do Presidente Lula, passa a ter uma postura diferente em relação ao continente africano. O Presidente Lula colocou como uma das prioridades na sua relação internacional o continente africano. Mas, para além de uma simples decisão política de acumular mais relações econômicas, ele tem insistentemente

colocado de que a África tem um tratamento especial no seu governo, porque o Brasil deve muito à África.

Grande parte do que é o Brasil hoje, a maior parte do que é o Brasil hoje, tem a ver com a contribuição das diversas civilizações do povo africano, e nós estamos aqui ainda desenvolvendo essa luta muito grande.

Mas, Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, nós estamos travando uma grande batalha no Congresso Nacional para aprovar o Estatuto da Igualdade Racial. Às vezes as pessoas não tinham ideia do significado de um instrumento político, jurídico que consolidaria uma política de Estado para garantir a inclusão de milhões de homens e mulheres negras desse país; nós somos mais da metade da população brasileira; e a elite brasileira não aceita, como não aceitava o fim da escravidão, como não aceita a emergência de um discurso e de uma necessidade de construção de uma cidadania e de um reconhecimento de um país diverso culturalmente e etnicamente. E eles não aceitam aprovar o Estatuto, porque não querem perder o privilégio da terra, de frequentar uma universidade que só sirva aos seus interesses. E grandes meios de comunicação desse país, os principais meios de comunicação deste país tramam, militam contra a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial.

Mas, então, Sr. Presidente Marcelo Nilo, a Assembleia Legislativa da Bahia e a Bahia podem, como sempre fizeram nas lutas de libertação, nas lutas de independência do Brasil, como é o 2 de Julho, podem capitanear tomando uma decisão importante, histórica para fazer com que o Congresso Nacional aprove o Estatuto da Igualdade Racial.

Quero aqui fazer um apelo ao Presidente Marcelo Nilo, quero aqui fazer um apelo aos deputados e às deputadas desta Casa, se a Assembleia Legislativa da Bahia aprovar o Estatuto da Igualdade Racial do Estado da Bahia, eu tenho certeza absoluta que irá contribuir não só para ajudar a aprovar, mas vai constranger aqueles que não querem, que militam contra a promoção da justiça nesse país. Porque a mobilização, e não é por acaso, deputado Bira Corôa, que os principais parlamentares que se mobilizam para não aprovar o Estatuto da Igualdade Racial, as principais lideranças, são do Sul do País que se organizam em torno de uma bancada conhecida no Congresso Nacional como bancada ruralista que são aqueles que detêm quase que o monopólio da terra em grandes latifúndios no Sul, no Norte e no Nordeste do nosso País.

Portanto quero deixar aqui este apelo que será uma grande contribuição que a Bahia dá, porque a Bahia vive um momento muito especial como disse aqui a secretária. O governador Jaques Wagner cria instrumentos que ajudam a promover um maior debate sobre a promoção da igualdade em nosso Estado, seja de raça, de gênero e de outras categorias excluídas da sociedade baiana.

E criando a Secretaria da Promoção da Igualdade constrói, o que não é fácil, um debate com o conjunto da máquina pública do Estado da Bahia para que ela, a máquina, através das suas secretarias e de outros organismos do Estado se associe para promover políticas efetivas de promoção da igualdade no nosso Estado.

Portanto quero deixar esse apelo aqui, presidente. E o Congresso Nacional, a Câmara dos Deputados, esperam um sinal da Bahia, pequeno sinal da Bahia, para que nós possamos aprovar o Estatuto da Igualdade Racial que vai comandar as políticas públicas no Brasil.

Muito obrigado (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar as presenças dos alunos da Faculdade São Tomaz de Aquino; do Instituto Social Objetivo de Cajazeiras; da Sr^a Ana Lúcia Torquato, superintendente de Inclusão e Assistência Alimentar, representando o Secretário Valmir Assunção; dos alunos da Uneb; do Sr. Antônio Carlos Paim prefeito de Amélia Rodrigues, do PT. (Palmas.)

Tendo em vista que existem alguns deputados que gostariam de falar, vamos limitar o tempo em sete minutos para cada parlamentar.

Gostaria também de registrar a presença do juiz de Direito Dr. Ivanildo da Silva dos Santos, titular do Juizado Especial Civil da Liberdade.

Com a palavra a deputada Neusa Cadore pelo tempo de sete minutos. (Palmas)

A Sr^a NEUSA CADORE:- Sr. Presidente, quero saudar o proponente da sessão e parabenizá-lo pela iniciativa desse brilhante evento, saudar os embaixadores, o nosso deputado federal Luiz Alberto, a nossa secretária Luiza Bairros.

É um momento especial estar aqui com vocês hoje celebrando nesta sessão especial a fundação da Organização da Unidade Africana que foi um evento acontecido em 1963, na Etiópia. Essa organização que se transformou na Unidade Africana no ano de 2002, é um organismo importantíssimo na promoção da democracia, dos direitos humanos e do desenvolvimento na África.

Nesse momento de crise mundial quero me solidarizar (Lê): “neste dia de afirmação africana, com o impacto da crise financeira mundial, que afetou vários países do continente africano, depois dos resultados obtidos nos últimos anos em termos de desenvolvimento econômico e estabilidade. A Comissão Econômica das Nações Unidas para África publicou um documento recente sublinhando que os fluxos de fundos provenientes do estrangeiro baixaram depois da recente crise econômica e financeira.

A Comissão Econômica das Nações Unidas para África (CEA), sediada na Etiópia realiza agora em junho encontro para discutir as vias de atenuação das consequências da crise econômica ao aumentar as receitas fiscais e os meios para mobilizar fundos no plano interno em África.

Os ministros africanos das Finanças, Plano e Desenvolvimento Econômico vão discutir medidas a curto, médio e longo prazo que os africanos devem tomar para ultrapassar a crise econômica e financeira mundial. A conferência pretende adotar uma posição africana comum sobre outras questões econômicas importantes, como a reforma em curso das instituições financeiras internacionais.

Diante de todo este quadro, é nosso dever proteger a população mais pobre e vulnerável do continente. A comunidade internacional deve cumprir os compromissos assumidos em relação aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.

O Projeto do Milênio foi especialmente constituído pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, em 2002, para desenvolver um plano de ação concreta para que o mundo reverta o vergonhoso quadro de pobreza, fome e doenças opressivas que afetam bilhões de pessoas.

O Plano Global propõe soluções diretas para que os Objetivos de

Desenvolvimento do Milênio sejam alcançados até 2015. O mundo já possui a tecnologia e o conhecimento para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos países pobres. Até então, no entanto, tais soluções não vêm sendo implementadas na escala necessária. O Plano Global do Projeto do Milênio apresenta recomendações para que isso seja feito tanto em países pobres quanto em para os excluídos dos países ricos.”

Para falar de uma questão muito prática, eu gostaria de lembrar que o relatório no que se refere às condições de acesso ao mundo denuncia que quatro em cada dez pessoas no mundo não têm acesso nem a uma simples latrina de fossa e são obrigadas a satisfazer as suas necessidades a céu aberto. Aproximadamente duas em cada dez pessoas – isso chega a 1 bilhão de pessoas – não tem nem uma fonte segura de água potável. Consequentemente, quase 4 mil crianças morrem diariamente em razão desta crise humanitária totalmente evitável, porém silenciosa.

(Lê) “A meta, correspondente ao 7º. Objetivo de Desenvolvimento do Milênio, de se reduzir pela metade o número de pessoas que não têm acesso à água e ao saneamento não será alcançada, a menos que países ricos forneçam ajuda suficiente aos países mais pobres, e que estes realoquem os recursos para suas comunidades mais pobres.

De acordo com a Força-tarefa do Projeto Milênio, o conhecimento, as ferramentas e os recursos financeiros estão disponíveis para realizar o Objetivo de Desenvolvimento do Milênio de reduzir pela metade o número de pessoas sem acesso à água e sem acesso a saneamento ao longo das próximas décadas. Além disso, os países precisam melhorar a gestão da água, para proteger o meio-ambiente e usar seus recursos hídricos de forma eficaz.

A Força-tarefa sobre Água e Saneamento produziu recomendações gerais para melhorar os serviços básicos, que são tão importantes para alcançar progresso econômico em áreas. Pobres.”

Também destacou a importância de se trabalhar com as comunidades locais nos países em desenvolvimento, para promover educação em higiene, ensinar o uso adequado das instalações sanitárias, focalizando na provisão dos serviços, além de melhorar e construir novos sistemas que permitam o acesso e tratamento da água.

(Lê) “Neste Dia Mundial da África, lembremos o que diz o relatório da Força-tarefa - Saúde, dignidade e desenvolvimento: o que é preciso? - lançado em 2005, como parte de um detalhado plano de ação global para combater a pobreza, as doenças e a degradação do meio ambiente nos países em desenvolvimento.”

Este é um dos desafios, entre tantos outros.

" 'Expandir a cobertura de água e saneamento não exige conhecimento científico complexo', diz o relatório. 'Isto não requer somas colossais de dinheiro, nem descobertas científicas inovadoras ou impressionantes avanços tecnológicos' ". Esperemos que o continente africano atinja todos os objetivos de desenvolvimento, superando todas as barreiras.”

Esta é a nossa saudação. Esta é a nossa esperança!”

Muito obrigada.

(Não foi revisto pelo oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra o deputado Álvaro Gomes,

do PCdoB, pelo tempo de 7 minutos.

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, Marcelo Nilo; nosso companheiro de luta Bira Corôa, proponente desta sessão especial de grande esperança para todos nós; secretária de Promoção da Igualdade, Luiza Bairros, representando o governador do Estado; Exmo. Sr. Embaixador do Egito, Ahmed Hawsan Darwish; Embaixador de Gana, Samuel Kofi Dadey; Embaixador da Líbia, Salem Ezubedi; Secretário Especial de Política da Promoção da Igualdade Racial, Ministro Edson Santos; Primeiro Secretário da Embaixada de Zâmbia, Fabiano Lukashi; Embaixador da República do Quênia, Pius Barasa Namachanja; Subsecretário Municipal da Reparação, Edmilson Sales, representando o prefeito João Henrique; nobre deputado Luiz Alberto, histórico militante na luta contra o racismo; Embaixador da República Islâmica da Mauritânia, N'Diaye Kane; Embaixador da Costa do Marfim, Daouda Diabate; Sr. Adido Cultural da Embaixada de Angola e presidente da Casa de Angola na Bahia, José Carlos Lamartine, fiz questão de citar os representantes da Mesa para, mais uma vez, ressaltar a representatividade e a importância desta sessão especial.

Quero saudar também todos os demais presentes a esta sessão especial de comemoração ao Dia de África, porque o que nós temos de mais valioso aqui no Brasil, principalmente na Bahia, herdamos da África.

Temos aqui uma cultura originada da África, uma população alegre, hospitaleira, e isto foi herdado principalmente da África, um continente massacrado, mas que possui um extraordinário potencial econômico, turístico.

O que há de mais valioso e precioso na África é o seu povo, a sua alegria, hospitalidade, a maneira de existir. Portanto, entendo que a África é um continente que, sem dúvida nenhuma, vai conseguir cada vez mais se desenvolver. Nós observamos que a situação lá é bastante difícil, a África enfrenta inúmeras dificuldades, inúmeros problemas.

Agora, o quadro se agrava com a crise mundial, que não foi gerada nem na África nem em nenhum país africano, A crise também não foi gerada aqui no Brasil, mas gerada no coração do capitalismo mundial, nos Estados Unidos, que são a maior potência militar e econômica do mundo. Os efeitos dessa crise se espalham pelo mundo inteiro, mostrando que o capitalismo não é a solução para o povo de nenhum país do mundo, mostrando que o capitalismo é um sistema que massacra, estimula o racismo, aumenta as desigualdades sociais, é um sistema que prejudica as populações do mundo inteiro.

Vivemos numa economia financeirizada, uma economia de uma riqueza fictícia em que, enquanto o PIB mundial de aproximadamente 60 trilhões de dólares, temos uma movimentação financeira de papéis na ordem de 500 trilhões de dólares. Isso mostra uma riqueza fictícia, uma especulação financeira prejudicial a todos os povos, prejudicial ao mundo inteiro. Isso mostra que o capitalismo não é a solução para os povos, não é a solução para as populações do mundo inteiro.

Queremos dizer que aqui no Brasil nós avançamos muito, o movimento negro, o movimento pela igualdade racial, avançou muito nas conquistas, principalmente no último período a partir da eleição do presidente Lula e do governador Wagner. Mas ainda temos muito o que conquistar. O racismo ainda existe, a discriminação ainda existe. E isso precisa acabar, porque o que todos nós temos que colocar na cabeça é que

no mundo existe uma única raça. A raça humana. Somos todos iguais. É isso que todos precisam entender.

Portanto, essa comemoração aqui, nobre deputado Bira, é muito importante, é fundamental. A luta em defesa da solidariedade, a luta em defesa de países onde haja realmente liberdade, porque eu me considero internacionalista proletário. Considero que a exploração do homem é em qualquer lugar do mundo. Temos que nos indignar com o massacre, com a exploração na África ou em qualquer país do mundo. Temos que lutar em defesa e na luta...

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Para concluir, deputado.

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Concluindo, nobre presidente, no tempo exato.

(...) Nós temos de lutar pela igualdade dos povos, para que todos possam conviver com dignidade. Eu, como deputado do Partido Comunista do Brasil, Líder do PCdoB nesta Casa, defendo e acredito que a solução para todos nós é a construção de uma nova sociedade. Uma sociedade sem opressão, sem racismo, uma sociedade de solidariedade, uma sociedade em que a riqueza seja distribuída igualitariamente entre todos nós, uma sociedade socialista.

Portanto, um grande abraço a todos vocês. Esta sessão é histórica na Assembleia Legislativa.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar a presença da Sr^a Selma Iara, representando o coronel-comandante do SAE, Júlio César Roda; major Paulo Peixoto, representando o coronel Nilton Mascarenhas; diretor do IRDEB, Sr. Eduardo Nascimento; Sr^a Vilma Regina, coordenadora do Programa de Formação Continuada em História e Cultura Afro-Brasileira, representando o secretário da Educação do Estado, Adeum Sauer; Sr. Eriosvaldo Menezes, superintendente da Promoção e Igualdade Racial de Lauro de Freitas; Sr. Simão Linhas, assessor especial da Casa de Angola na Bahia; Sr^a Roselice da Silva, coordenadora da Ouvidoria, representando a Dr^a Tereza Cristina, defensora pública; Sr. Clóvis Santos, presidente dos Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Ibiá; Associação dos Líderes Comunitários de Brotas; Quilombolas do município de Nova Ibiá; Associação das Baianas de Acarajé, Grupo de Mulheres de Siloé.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra a nobre deputada Fátima Nunes, pelo tempo de sete minutos.

Registro a presença também da Fenacab e da Coma, em nome das quais saúdo todos as mães de santo e pais de santo dos terreiros de candomblé da Bahia, como também do Sem, em nome do qual saúdo todos das organizações sociais da Bahia.

Com a palavra V.Ex^a, deputada Fátima Nunes, pelo tempo de até sete minutos.

A Sr^a FÁTIMA NUNES:- Bom-dia a todos e a todas!

Quero saudar o presidente desta Casa, o deputado Marcelo Nilo; o proponente desta sessão, nosso companheiro e presidente da Comissão da Promoção da Igualdade, deputado Bira; a representante do governador Jaques Wagner, nossa secretária Luiza de Bairros, que fortalece as mulheres na luta pela cidadania e democracia; a todas as autoridades africanas, cujos nomes não vou citar para reduzir o tempo, pois já foram bem lembrados pelos deputados que nos antecederam; o deputado Luiz Alberto,

incansável na luta pela promoção da igualdade; os nossos companheiros e companheiras deputados estaduais aqui presentes.

Quero dizer aos filhos e as filhas do Brasil e da Bahia, naturais herdeiros dessa luta em defesa da vida, da dignidade, da igualdade, que a batalha não tem sido fácil. O deputado Álvaro Gomes, que nos antecedeu, relatou bem o nosso sonho, e a deputada Neusa Cadore, a nossa realidade ainda distante do acesso às políticas públicas mais básicas, como moradia, água, saneamento básico, o emprego com salários dignos, porque foi essa a herança que deixaram para nós. O relato do deputado Bira Corôa nos fez lembrar também que a nossa história, a história brasileira, já começou desumana, mas nunca acomodada. Sempre, os filhos da África, aqui no Brasil, tiveram a coragem de resistir, propor..., organizar-se e, dessa forma, construíram esse tempo que temos hoje de viver o início, digamos assim, da cidadania, da democracia, mas temos muito a fazer, a lutar para que, de fato, tenhamos a sociedade dos nossos sonhos.

É por isso que, nesta oportunidade, quero relatar para esta Casa o esforço que tem sido feito pela Comissão da Promoção da Igualdade nos debates nela própria e neste Plenário, em outras sessões especiais, porque, na verdade, em razão de todo esse desejo que temos de uma sociedade de oportunidade para todos e todas, da qual já podemos citar algumas conquistas, como relatou a nossa secretária da Promoção da Igualdade, ainda estamos distantes de chegar..., mas não vemos empecilhos, porque os resistentes da África têm a coragem, a sabedoria, a determinação, através da sua cultura, da sua arte, da sua resistência, de propor o que queremos.

Fizemos, nesses dois anos, esse trabalho, visitando até as regiões mais distantes da Bahia, como Nova Ibiá, onde o quilombo Canarisco continua firme e forte, trabalhando. E muitos quilombos espalhados por esta Bahia continuam nessa determinação.

Considerando este dia de festa, em que celebramos a vida e a luta de muitos que acreditam que é possível ter uma sociedade diferente, trouxe um símbolo para deixar nas mãos desses companheiros do quilombo Canarisco, os quais quero chamar para perto de mim de mim, como também o deputado Bira Corôa, para deixar essa lembrança, que é um quadro grande.

E vou dizer a vocês por que fiz esse quadro não só porque nele há pessoas daquele quilombo, mas também porque lá estão os nossos ancestrais, dois homens de coragem e mulheres que fizeram a sua história. Eles relataram o quanto significou, naquele dia, a visita da Comissão Especial da Promoção da Igualdade da Assembleia Legislativa.

Estamos em 2009, e aquela comunidade ainda não dispunha de energia elétrica e estava com dificuldades para ter o acesso à água. Essas pessoas tiveram a coragem de vir lutar aqui, mas sempre com o jeito delas, sem mudar suas características, sem querer se igualar ao modelo de vida imposto pela mídia. Eles continuam firmes, com suas personalidades guerreiras e lutadoras, na crença numa sociedade com novas alternativas e possibilidades para todos.

Foi por isso que fiz este quadro com essas duas pessoas que já tinham 100 anos, mas vieram à sessão, usaram a palavra e disseram, na frente da juventude, quais eram os seus planos e desejos. Afirmaram que poderiam voltar felizes para a terra do Pai se os seus filhos, netos e bisnetos pudessem ver um Brasil mais justo e mais decente.

Por isso, trouxe aqui este quadro para oferecer a essa comunidade.

(A deputada Fátima Nunes e o deputado Bira Corôa fazem a entrega do quadro.)
(Palmas)

Estão aqui duas pessoas de 100 anos, firmes e fortes, que acompanharam a sessão e nos disseram o que queriam para a Bahia e para o Brasil.

Viva a Bahia, viva os quilombolas, viva a África! (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra o Sr. Nadinho do Congo, pelo tempo de 5 minutos.

O Sr. NADINHO DO CONGO:- (O orador faz uma saudação africana.)

Que assim seja no dia de hoje, que Ogum tome conta dos nossos passos e siga sempre.

Parabéns ao nobre deputado Bira Corôa e ao presidente da Mesa. Este é o abraço que a família congo passa aos senhores e a todos os outros que estão aqui neste dia magnífico.

Pela importância deste dia, ele não poderia ser somente um, mas sim todos os dias. Da África viemos em porões de navios, separados para não falarmos a mesma linguagem. Se falássemos, talvez fosse mais fácil hoje.

Fico satisfeito e alegre neste momento por estar nesta Casa para ver os nobres deputados que tanto lutaram para que chegasse este momento, como o negro Bira Corôa; o deputado federal Luiz Alberto, que há muito tempo conheço e sei da sua luta; e os secretários que hoje representam. Mas, mesmo assim, ainda triste, porque as secretarias que os irmãos negros comandam não têm dinheiro. Não é por causa da crise, mas é necessário que tenhamos. Quero parabenizar a nossa querida irmã Luiza Barros, representando as secretarias.

Como representante da cultura afrobrasileira, sou presidente da Associação de Afoxés da Bahia. Essa é uma cultura de séculos, tem resistência e está nos mantendo aqui, porque foi o afoxé que teve toda essa luta de africanização do Carnaval da Bahia. Há um homem, podemos revelar, que sofreu, dos jornalistas, da elite, mas conseguiu fazer com que pudéssemos manter viva essa história.

Em 1895, o nosso querido Pedro Arcanjo já enfrentava barreiras para preservar o afoxé e fazer a sociabilização da raça negra nas ruas de Salvador e fazer com que o afoxé pudesse ir de casa em casa, os babalorixás, as ialorixás, porque nós éramos perseguidos para não tocar os atabaques, os agogôs e não cantar.

Mas a nossa resistência é forte. Se conseguimos sair do Continente Africano, vindos roubados de lá, pisoteados e estar aqui, é porque somos fortes. E nós queremos muito mais, queremos a igualdade, a paz e o amor, mas queremos, sim, deputados negros defendendo a nossa história com igualdade, queremos o caminho de prefeitos negros, o caminho de governadores negros. Obama chegou, pelas beiradas, mas chegou. Mas o que queremos não é briga com a elite branca, queremos a paz e o amor, como diz o povo de santo.

Representando a categoria afoxé, eu quero aproveitar este momento para pedir a Bira para irmos ao nosso governador solicitar pelo Projeto Ouro Negro e que possamos aprová-lo nesta Casa para manter viva a tradição da cultura popular e da resistência,

defender o candomblé, a capoeira, a tradição da cultura popular.

Os Srs. Deputados que se encontram presentes, por favor, botem isso na mente, porque, quando estamos lá, recebemos os Srs. Deputados para fazer festa, ouvir, tocar e tomar conta dos caminhos. Além do mais, para usar as folhas para banhar, que é o verdadeiro chá.

Então, como representante do afoxé, quero esta mensagem. Sabemos que vamos mexer com o deputado federal Luiz Alberto e outros para que esse projeto esteja aí. E nós queremos presentear esta Mesa belíssima com o produto do Afoxé Filhos do Congo. Nós temos o sentimento de o embaixador do Congo não estar presente hoje, pelo falecimento do seu pai, nosso querido Maiola, mas a cultura do Congo, como representante da Câmara de Comércio Norte e Nordeste Brasil Congo, representando Salvador, eu, Nadinho do Congo e a família Congo estamos aqui.

(O orador canta, enquanto representantes do Congo presenteiam a Mesa.)

(Homenagem à Mesa.)

Essa mensagem diz: “Viva a África, nós estamos vivos, não vamos morrer. Porque estamos aqui de passagem, mas os nossos sobrinhos e netos estão vindo para assumir”.

Bira, parabéns por esse dia, que é importante para todos nós.

Dentro desta sacola há uma mensagem, que é a seguinte: “O guerreiro, o lutador empunha a sua espada e abre o caminho”. Quando vocês passarem assim, vocês vão ver que eles estão dançando, mesmo no papel.

Nadinho do Congo, obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar a presença de um vereador de Mata de São João, Tiago.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, parabenizo o deputado Bira Corôa, proponente desta sessão, neste dia especial para a Bahia, no qual comemoramos o Dia da África, tendo em vista que nós, baianos, devemos muito aos irmãos africanos.

Além de devermos pelo desenvolvimento econômico, social e político do nosso Estado, temos um débito com a África tendo em vista a escravidão que, sem dúvida alguma, foi um dos males da humanidade. Todos nós, inclusive o próprio presidente da República, já pedimos desculpas à África, e nós, baianos, aproveitamos também para pedir desculpas, tendo em vista que nós que, hoje, formamos o nosso Estado condenamos a escravidão que infelizmente, repito, foi um dos males da humanidade.

Em meu nome, em nome do Poder Legislativo, em nome de todos os parlamentares, agradeço a presença de todos e está encerrada a sessão.

Convido todos para a apresentação de capoeira no Salão Deputado Nestor Duarte.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/sessoes.cfm>. Acesse ao caminho **Atividades Parlamentares** -*

Sessões Plenárias e leia-as na íntegra.